

Dívida brasileira tem alta de 5% no mercado de Nova York

ESTADO DE SÃO PAULO
- 5 AGO 1989

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para o Estado

NOVA YORK — A dívida brasileira no mercado secundário foi valorizada em 5%. Atualmente, os títulos brasileiros em Nova York estão sendo vendidos a 34% do seu valor de face em comparação a 29% há um mês, de acordo com estudos semelhantes sobre o mercado secundário de dívida externa, publicados, simultaneamente, pela Shearson Lehman Hutton American Express e pela Dillon Read International Finance Inc.

A solução da dívida mexicana, primeiro triunfo do plano do secretário do Tesouro dos EUA, Nicholas Brady, foi considerado o principal motivo para a alta da dívida da região como um todo. No geral, a divi-

da foi para 37,7% do seu valor real em comparação com 34,3% anteriormente. A dívida total da região com os bancos comerciais é de US\$ 265,6 bilhões, mas no mercado esse valor foi adquirido por US\$ 100,4 bilhões, ou menos do que a dívida total do Brasil.

Não só Brady foi lembrado nas explicações do analista Jay Newman, da Dillon Read, em entrevista ao Estado: "Mr. Brady e parcialmente Mr. Amaral (o secretário para Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral) são responsáveis pela alta. A posição conciliatória do governo brasileiro ajuda". Antes de ir para Washington como Secretário do Tesouro na administração Ronald Reagan, Brady era presidente da Dillon Read.

Apesar da alta da dívida brasi-

leira, que já esteve em 42% em janeiro, antes do Plano Verão, há alguns sinais nebulosos pela frente: "O Brasil é uma das maiores surpresas. É difícil explicar a alta em meio a incertezas econômicas, à proximidade de eleições e rumores constantes de que o Brasil não irá pagar juros em setembro. A economia brasileira continua a andar na beira da hiperinflação que está sendo experimentada no seu vizinho, a Argentina", diz o estudo da Dillon Read. A dívida argentina também melhorou e foi cotada em 18% do seu valor, mas já esteve sendo vendida a 13 centavos de dólar há um mês. Já a dívida chilena continua em 65%, a preferida de Wall Street. A Romênia saiu da lista: pagou sua dívida externa. Os dados de ambos os estudos são do Banco Internacional de Compensações (BIS) com sede na Suíça.